

Apresentação do livro :

A CASA & A RUA

Espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil

Autor:Roberto da Matta

PósARQ / CTC / UFSC

2º trimestre 2004

Disciplina: Urbanização de
Encostas- Análise

ProfªSônia Afonso

Aluna- Josicler Orbem
Alberton

O presente trabalho foi desenvolvido com o objetivo de apresentar esta obra em sala de aula, dando destaque para como o autor trata a questão da casa.

A CASA & A RUA

Espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil

Roberto

da

Matta

ESPAÇO

Casa, rua e outro mundo: o caso do Brasil

Roberto

da

Matta

LIMPAMOS
RITUALMENTE A
CASA E SUJAMOS A
RUA SEM CERIMÔNIA
OU PEJO...

Em casa

Podemos fazer coisas que são condenadas na rua, hierarquia familiar, supercidadãos.

Na rua

Passamos por indivíduos anônimos e somos quase sempre maltratados pelas autoridades. Somos subcidadãos.

Nosso comportamento é negativo.

É “problema do governo”.

Cidades brasileiras do interior: as pessoas informam ao estrangeiro a posição da moradia de modo pessoalizado.

Em cima e embaixo: regiões sociais convencionais e locais. Podem indicar: antiguidade, segmentação social e econômica.

Estados Unidos: orientação através dos pontos cardeais.

Revolução Protestante: tempo pode ser comprado ou vendido.

NÃO HÁ SISTEMA SOCIAL ONDE NÃO EXISTA UMA NOÇÃO DE TEMPO E OUTRA DE ESPAÇO.

Brasil: (segundo Livia N. de H. Barbosa)

Sábados e domingos: mais internos

Dias da Semana: tempos externos

A questão do tempo no **Carnaval**.

Sociedades onde o capitalismo e o protestantismo se estabeleceram: movimento do individual para o coletivo. O problema estaria no coletivo e na multidão.

Para os sistemas tradicionais, onde o coletivo é mais importante, o problema seria muito mais os estados de individualização.

Para cada espaço, um comportamento.

“Faça como eu digo, mas não como eu faço.”

Poder Público: espaço duradouro

Praça; sala de visitas coletiva.

O esperado é que casa, rua e outro mundo demarquem fortemente mudanças de atitudes.

Qualquer evento pode ser sempre lido por meio do código da casa e da família (que é avesso à mudança e à história, à economia, ao individualismo e ao progresso), pelo código da rua (que está aberto ao legalismo jurídico, ao mercado, à história linear e ao progresso individualista) e por um código do outro mundo (que focaliza a idéia de renúncia do mundo com suas dores e ilusões e, assim fazendo, tenta sintetizar os outros dois).

“ os brasileiros , com efeito, tão hospitaleiros e bons, são muito formalistas, enfatizados de etiqueta e cerimônias. (...)”

(Louis e Elizabeth Agassiz, 1865-66)

As visitas sempre foram um capítulo especial de nossa vida social, existindo um espaço nas casas só para elas. Ritual de receber visitas.

Casamento, casadouro, casal

Ser posto para fora de casa significa que estamos privados de um tipo de espaço marcado pela família e hospitalidade.

“ Vá para a rua”

“ Vá para o olho da rua”

“ Estou na rua da amargura”

Metáforas e símbolos onde a casa é contrastada com a rua. A casa também como uma área especial: onde não existem indivíduos.

Na **rua** devem viver os malandros, os meliantes, os pilantras e os marginais em geral.

A **rua** é o local da individualização, de luta e de malandragem.

Do mesmo modo que a **rua** tem espaços de moradia, a **casa** também tem espaços arruados (varandas, cozinhas, salas de visitas...).

Casa: espaço de calma, repouso , recuperação e hospitalidade.

Rua: pertence ao governo ou ao povo, local perigoso.

Cerimoniais são diferentes em cada espaço.

CIDADANIA

a questão da cidadania num universo relacional

Roberto

da

Matta

“ Curioso país esse Brasil, feito de um credo liberal tão alardeado na base de suas instruções jurídicas, mas operando de modo a privilegiar as relações pessoais de modo tão flagrante. (...)”.

Alexis de Tocqueville

No Brasil, o individualismo é criado com esforço, como algo negativo e contra as leis que definem e emanam da totalidade. Nos EUA ele é positivo e o esforço tem sido para criar a unidade: a totalidade.

A noção de cidadania no Brasil sofre um desvio que a impede de assumir integralmente seu significado político universalista e nivelador.

Processo histórico brasileiro foi no sentido de ter de abrir um espaço social e político para a manifestações individuais e locais já que tudo está previsto e dominado pelo centralismo político, legal e religioso.

Processo histórico norte- americano foi no sentido de engendrar leis que possam inventar, estabelecer ou até mesmo salvar totalidades maiores e mais inclusivas que os sistemas locais.

No **Brasil** a comunidade é heterogênea, complementar e hierarquizada. Sua unidade básica não está baseada em indivíduos, mas em relações pessoais, famílias e grupos de parentes e amigos.

Nos **EUA** o indivíduo isolado conta como uma unidade positiva do ponto de vista moral e político.

COMUNIDADE AMERICANA: homogênea, igualitária, individualista e exclusiva.

O que vale é o indivíduo e o cidadão.

COMUNIDADE BRASILEIRA: heterogênea, desigual, relacional e inclusiva.

O que vale é a relação.

“sabe com quem está falando”

Daí todo brasileiro estar certo de que, quando está numa delegacia de polícia, seus direitos políticos (e civis) ficam lá foram, na sua casa: junto aos amigos e colegas.

O cidadão é a entidade sujeita à lei, ao passo que a família e as teias de amizade, as redes de relações, que são altamente formalizadas política, ideológica e socialmente, são entidades rigorosamente fora da lei.

As instituições brasileiras estão sujeitas a vários tipos de pressão.

Vivemos num mundo onde existe uma espécie de combate entre o mundo público das leis universais e e do mercado; e o universo privado da família, dos compadres, parentes e amigos.

A política é um jogo fundamentalmente sujo, sem ética.

Na casa, estou dividido por inúmeras lealdades pessoais demarcadas pelo parentesco e pelos laços de simpatia pessoal. No Brasil ninguém escapa dos laços de família e dos elos de algumas amizades, do mesmo modo que nos EUA é impossível escapar do seguro social ou do cartão de crédito.

Não há brasileiro que não conheça o valor das relações sociais e que não as tenha utilizado como instrumentos de solução de problemas ao longo de sua vida.

MULHER

**Dona Flor e seus dois maridos: um romance
relacional**

Roberto

da

Matta

No Brasil há códigos específicos para cada esfera que a sociedade toma como básica. Somos uma pessoa em casa, outra na rua e ainda outra na igreja, terreiro ou centro espírita. Nossa lógica é relacional no sentido de que estamos sempre querendo maximizar as relações e a inclusão.

Não percebemos essas mudanças radicais do nosso comportamento como tendo alguma implicação político-moral ou ideológica.

Vivemos num universo dividido.

Quando falamos em mudanças estamos nos referindo exclusivamente ao mundo da rua (público).

A casa e o sobrenatural são muito raramente englobados em nossas propostas transformadoras do mundo, local onde o tempo não passa e a história raramente bate à porta.

Nos EUA há exclusão e separação; no Brasil junção e hierarquização .

DONA FLOR E SEUS DOIS MARIDOS

Cadeia de relações, teia de elos pessoais, pessoas como fontes potenciais de recursos de poder.

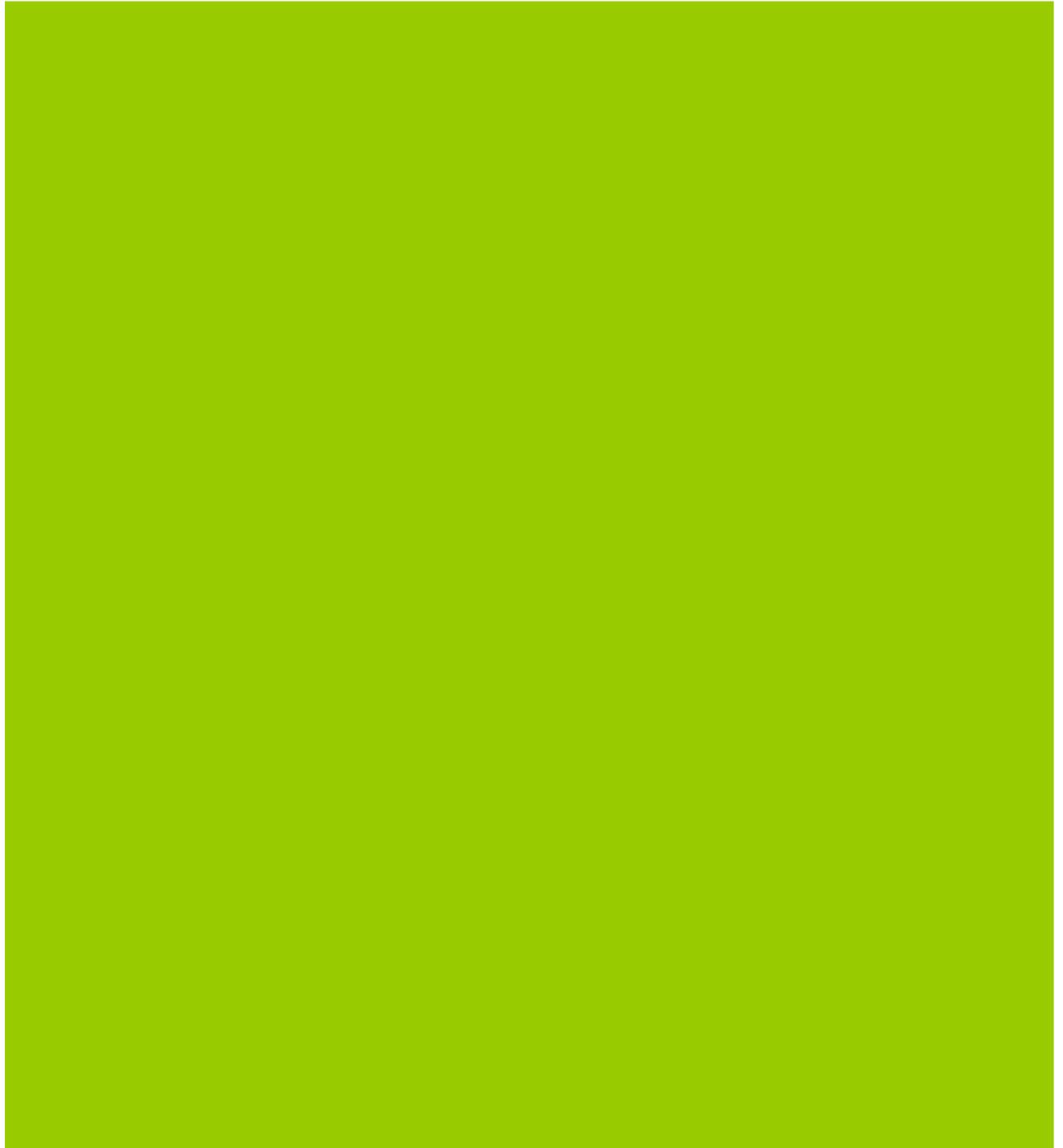
Vadinho= rua, irresponsável, provedor de emoções, jogo, incerteza, malandragem.

Flor= casa, responsável, provedora de recursos materiais, trabalho, certezas, lealdades.

Dr. Teodoro= união definida e igualitária.

Casa, rua e mundo sobrenatural são costurados.

**O Brasil é o país
do carnaval e é
também e
simultaneamente
a sociedade do
“sério”, do
“legal”, das
comemorações
cívicas e das leis
que têm
exceções para os
bem-nascidos e
relacionados.**



MORTE

A morte nas sociedades relacionais: reflexões a partir do caso brasileiro

Roberto

da

Matta

Falar dos mortos é uma forma sutil e disfarçada de negar a morte.

Meu pavor não era o de morrer, mas de ver surgir diante de meus olhos uma dessas assombrações que povoavam a noite, os corredores escuros, os porões desertos e, naturalmente, os cemitérios.

A morte no Brasil é concebida como uma passagem de um mundo a outro, numa metáfora de subida ou descida- algo verticalizado, como a própria sociedade- e jamais como um movimento horizontal, como ocorre na sociedade americana, onde a morte é quase sempre encapsulada na figura de uma viagem aos confins.

Vivemos num universo onde os vivos se relacionam com os mortos e as almas voltam sistematicamente para pedir ajuda, dar lições de humildade cristã, mostrando sua assustadora realidade.

Em um universo relacional como o brasileiro, nada mais nítido do que essa visão múltipla do mundo, onde se oscila entre pelo menos três posições fundamentais dadas pela casa, pela rua e pelo outro mundo.

No Brasil, vive-se oscilando. Em casa somos conservadores, a rua é o mundo das catástrofes e mudanças, e o outro mundo?

O outro mundo está marcado pelo signo da eternidade e da relatividade. O outro mundo é também uma realidade social marcada por esperanças, desejos que aqui ainda não puderam se realizar pessoal ou coletivamente.

É também um espaço que demarca uma zona de incrível igualdade moral onde as contas serão pagas. É um mundo de compensações.

FESTAS- ocasiões privilegiadas onde poderiam ligar casa, rua e outro mundo, por um momento.

Os mortos se transformam na nossa sociedade, passam a ser pessoas exemplares e orientadoras de posições e relações sociais.

O “possuído” é aquele cuja relação com o espírito é tão próxima que se faz dentro do próprio corpo. Por meio de um encontro íntimo é possível resolver problemas aqui de baixo.

OS **MORTOS** SÃO UMA PEÇA CRÍTICA NA DINÂMICA DESTE **UNIVERSO SOCIAL**. SÃO ENTIDADES TIPICAMENTE RELACIONAIS E , COMO TAL, DEMANDAM ATENÇÃO E REVERÊNCIA. POR TUDO ISSO, PODEMOS ENTENDER POR QUE **NO BRASIL A MORTE MATA, MAS OS MORTOS NÃO MORREM.**

Bibliografia

MATTA, Roberto da, 1936. A casa & a Rua. 5^a edição. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.